

Participação Popular

Mulher minoria política

O Brasil faz parte do grupo de países com menor representatividade feminina na política. Com todo avanço na participação da mulher no espaço de poder, é pequeno ainda este percentual. "Reconhecer que as lutas travadas pelas mulheres para o direito de ser respeitada e valorizada na sociedade brasileira, se fortalece a medida que estas se manifestam para a sua inserção em todas as instâncias patriarcais históricas", diz o professor público Tupinã Dantas.

Compromissos assumidos pelo país em eventos internacionais têm estimulado a participação proporcional. "Após a implementação das cotas para mulheres nos partidos, o número de mulheres eleitas obteve resultados positivos. Mas isso ainda não foi tão expressivo a ponto de mudar o cenário político brasileiro", declarou a vereadora, Marta Rodrigues (PT).

Apenas 8,7% de mulheres foram eleitas para o Congresso Nacional, numa população total feminina de mais de 50%. De 513 membros na Câmara dos Deputados há apenas 43 mulheres. No Senado, 9 entre os 81 senadores. Nas Assembleias

(por Cyntia Cantarini e Juliano Passos)

Lideranças sociais e governos

Há uma relação ambígua entre os movimentos sociais (ONGs, Sindicatos, OSDs) e o Estado brasileiro. Parte significativa dessas entidades de lutas históricas, cujo ideal seria reivindicar direitos coletivos e sociais e serem protagonistas nas estruturas republicanas, está atualmente atrelada ao poder institucional, alguns representantes ocupando cargos menores de terceiro e quarto escalões. Câmpre políticas clientelistas e assistencialistas ditadas pelos governos ditos populares e

"democráticos". Algumas dessas pseudo-lideranças, algumas que se declaram marxistas-leninistas, não cansam de promover festas, passeatas, seminários com apoio de governos e até empresários. Airton Ferreira, sub-secretário da Secretaria Municipal das Reparações de Salvador, em entrevista para a reportagem durante a Quinta Caminhada do Povo de Santo comentou sobre o assunto o seguinte: "Essa parceria facilita o diálogo entre ambos, governo e entidades". Sobre a relação paternalista com o Estado, afirmou: "Isso é cultural do nosso povo".

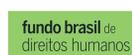
(por Eduardo Parafinjan)



EXPEDIENTE

Este jornal-mural é fruto do curso livre de formação em Comunicação Política e Políticas da Comunicação, ministrado no segundo semestre de 2009 para agentes de movimentos sociais e do movimento negro de Salvador e Região Metropolitana, Bahia. Iniciativa: Núcleo Omi-Diádi de Resgate e Preservação da Cultura Afro-Brasileira e Grupo de Pesquisa Permanecer Milton Santos da Ufba. Responsável: Fernando Conceição. Diretor: Bartolomeu Dias Cruz. Administrativo: Josélia Santos. Assistente: Carina Silva. Monitores: Moisés Costa Pinto e Paulo Herinque Trocoli. Apoio: Fundo Brasil de Direitos Humanos. Parceiros: Centro de Estudos Afro-Orientais e Facom/Ufba.

Realização:



Apoio:



Heliel Maia e José Ramos, e Aliene Santos, moradora da Fazenda Coutos, fazem o deslocamento da Estação Pirajá via Baixa do Sapateiro e Estação Pirajá-Lapa. Todos se queixam das péssimas condições de uso e serviços dos coletivos que prestam atendimento à população. São ônibus velhos, quebrados, sujos, com poucos

O transporte desejado

Ao entrevistar usuários do transporte coletivo e moradores dos bairros Nordeste e Vale das Pedrinhas, a reportagem constatou que na opinião dos entrevistados o serviço "deixa a desejar e não vale o valor cobrado". Marta Cristina Câmara, 48 anos, moradora do bairro Periperi e gerente do posto de saúde do Nordeste, afirma que os assentos dos ônibus têm pouco conforto e alguns rodoviários que "esquecem que somos Cidadãos Clientes pagantes" e maltratam os passageiros. Marta informa que tem que pegar todos os dias uma topike em Periperi, com destino ao final de linha do Lobato, "o único local onde posso pegar um ônibus coletivo da linha Nordeste Lobato Joanes, qual tenho que esperar mais de trinta minutos, tudo isso se eu quiser chegar no horário ao posto de saúde do Nordeste, unidade onde sou a gerente".

"Não sou a pessoa mais indicada a falar do serviço de transporte local", comenta Renata moradora da Boca do Rio e proprietária do Foto Rio Vermelho situado no final de linha do Nordeste. "Por utilizar uma linha de

transporte coletivo via orla, vivo na esperança que um dia seja implantado, mesmo que seja circular, uma ou duas novas linhas, Nordeste via orla com Itinerário até o Aeroporto via paralela, com isso vai haver uma melhoria no deslocamento dos usuários. De acordo com Mariana Brito Estrela, agente comunitária de saúde 32, anos, moradora do Vale das Pedrinhas, é difícil conviver com um serviço de transporte que na maioria das vezes não respeita os horários de chegada e saída. Não temos uma linha de ônibus pernoitando aqui. Ficaria ótimo se a Secretaria de Transporte do Município implantasse as novas linhas de Transportes Circulares requerida pelo atual Conselho Comunitário de Segurança Pública do Bairro e que já está no Ministério Público.

(por Ruth L.)

Transporte público precário

São inúmeras as reclamações dos usuários que utilizam o transporte público de Salvador. Moradores dos bairros de Cajazeiras 12 e 11,



assentos, com ratos e baratas, ficam até 1 hora nas filas esperando o ônibus. O motorista de ônibus Jairo Almeida, que roda a linha Cosme de Farias-Vale dos Rios, cita as dificuldades que vivencia todos os dias: o cumprimento do horário das viagens, as cobranças da empresa, enfrentamento do trânsito desordenado, a incompreensão de alguns usuários, a falta de via expressa, e estresse. Miralvina Silva também é usuária insatisfeita com as condições precárias do serviço coletivo que a Prefeitura oferece à população. Segundo informações obtidas do coordenador da Secretaria de Fiscalização de Transporte Coletivo de Salvador, Carlos Celso, circulam em média 3.200 ônibus no período de vinte e quatro horas, para atender as necessidades dos usuários que utilizam este meio de transporte de massa.

(por Laura Almeida das Neves)

Tráfico de drogas e violência

O tráfico de drogas é o crime que mais produz vítimas e com a lógica mais letal em todo o mundo. A cada dia mais e mais gente é assassinada por envolvimento com a compra e a venda de drogas, segundo dados da Delegacia de Homicídios da Bahia. Num mercado em que a morte é um produto valioso e ao mesmo tempo banalizado, a disputa por espaço e clientela faz vítima muitos inocentes. São os jovens as principais vítimas da violência.

De acordo com Izabel Garrido, delegada da 7ª Delegacia, o tráfico de drogas é um problema que ameaça toda a sociedade e vem contribuindo para o aumento da violência: As drogas promovem a morte prematura da população jovem, a prática de

roubos e crimes afins, além de fazer vítimas da violência pessoas que não têm envolvimento. A delegada acredita que a educação bem planejada assumida pela família e pelos órgãos competentes, palestras escolares de forma contínua e pedagógica e tendo a participação da família e da comunidade, com o objetivo de esclarecer para evitar a utilização das drogas, são a melhor forma de combate ao tóxico. "Acredito que a educação é uma das ferramentas mais importantes para que o jovem opte pela vida, sendo necessário construir redes sociais de proteção entre adolescentes, família e instituições."

(por Carina Silva e Adriana)



Delegada Izabel Garrido, da 7ª delegacia.

Foto: Carina Silva e Adriana

Mulher negra na mídia?

A atriz Taís Araújo é umas das poucas mulheres da tv brasileira

De acordo com dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE nas TVs e empresas de comunicação brasileiras apenas 1% das mulheres negras no conjunto da população é representada na mídia. Ainda assim, na maioria das vezes a partir de um modelo de representação do grupo dominante, estereotipado. Os papéis predeterminados para ocupação das mulheres negras nos espaços de comunicação, são em geral para atuarem falando apenas de cultura ou entretenimento, reforçando a idéia estigmatizada sobre o negro na sociedade e da mulher como "corpo sem mente".

(por Ana Paula Farias)

Reggae e resistência

O advogado José Raimundo, regueiro por opção e militante, relembra que o reggae é uma música negra de origem jamaicana que surgiu no início dos anos 1960 e foi propagada em toda parte do mundo por Bob Marley e outros. Apesar da música reggae e seus seguidores serem desprezados, na Bahia faltando oportunidade para esses nas rádios, nos grandes festivais e na falta de infraestrutura nos eventos deste estilo musical, o reggae continua sendo eficaz instrumento de conscientização e politização da massa.

Salvador é um dos lugares onde o reggae foi bem aceito. Onde também foi assimilada um pouco da cultura e da religiosidade rastafári. Foi nos anos 80 que este ritmo começou a ganhar projeção junto a músicos do Centro Histórico, como o cantor e compositor Ubaldo Waru e outros. Na década de noventa eles ocuparam outras partes da cidade e do interior da Bahia, ganhando espaço nas festas

populares e alguns festivais. Apesar de já ter uma certa projeção local, são poucas as bandas de reggae na atualidade que representam de forma digna e respeitosa o movimento. Que quer a transformação social e libertação das mentes. A maioria das supostas bandas de reggae foi cooptada para manipular e enganar com seu estilo pop.

(por Cláudio Soares)

